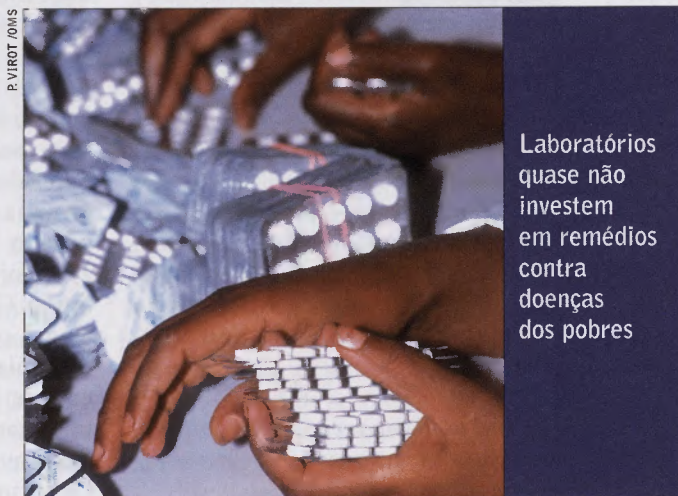


Um novo debate sobre patentes

A multinacional GlaxoSmith-Kline (GSK), maior companhia farmacêutica da Europa, quer que o governo do Reino Unido encampe sua idéia de promover uma mudança global nas normas sobre patentes – aproveitando a ascensão do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, à presidência do G-8 (o grupo dos sete países mais industrializados do planeta mais a Rússia). A proposta da GSK é criar um sistema compensatório, pelo qual o desenvolvimento de remédios contra doenças do Terceiro Mundo seja premiado com a extensão das patentes de medicamentos de interesse do Primeiro Mundo. Em resumo: drogas contra o câncer custariam caro por mais tempo e esse dinheiro subsidiaria a pesquisa de remédios contra moléstias tropicais. Michael Bailey, conselheiro da organização não-governamental Oxfam, condenou a proposta da GSK e defendeu a manutenção das normas sobre patentes que, segundo ele, guardam con-

quistas importantes. Em 2001, a Organização Mundial do Comércio (OMC) autorizou países a quebrar temporariamente patentes em situações de emergência. A decisão da

OMC encerrou uma guerra entre laboratórios e governos que, num de seus *rounds*, opôs o Brasil e multinacionais como a Glaxo. (*The Independent*, 29 de novembro)



Laboratórios quase não investem em remédios contra doenças dos pobres

O virtual une o Sudeste Asiático



LAURABEATRIZ

A Associação dos Países do Sudeste Asiático (Asean) saiu em busca de dinheiro privado para fortalecer o recém-criado Instituto Virtual de Ciência e Tecnologia. Trata-se de um centro voltado para fortalecer a formação de pesquisadores, que vai integrar pela internet universidades dos países-membros da Asean (Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mian-

mar, Cingapura, Tailândia, Filipinas e Vietnã). A idéia é promover cursos *on-line*, em que estudantes e professores reúnem-se em classes virtuais e interajam por meio de *softwares* de voz e de vídeo. O instituto foi fundado em maio com verbas da Asean e da ONU, mas ainda engatinha. Em reunião realizada em novembro, ministros dos países-membros decidiram

alocar mais recursos no projeto. Com isso, os primeiros cursos serão ministrados neste mês, abordando temas como bioinformática, ecoturismo e inovação tecnológica. “É um projeto excitante, mas ainda precisa encontrar meios de se tornar sustentável”, diz o ministro da Ciência da Indonésia, Kusmayanto Kadi-man. (*SciDev.Net*, 6 de dezembro)

Na cadeia, acusado de traição

O físico russo Valentin Danilov, de 53 anos, foi sentenciado em novembro a 14 anos de prisão, acusado de passar segredos tecnológicos para a China. Em 2001, o FSB (Serviço Federal de Segurança), órgão de inteligência que sucedeu a extinta KGB, acusou-o de vender o projeto de um equipamento capaz de medir os efeitos de ondas eletromagnéticas em satélites. O aparelho, diz a FSB, pode ajudar a China a desenvolver armas ameaçadoras para a Rússia. Ex-membro da Academia Russa de Ciências, afastado do comando do Instituto de

Termodinâmica de Krasnoyarsk, Danilov tornou-se um símbolo da ofensiva da FSB contra pesquisadores e ecologistas acusados de traição. É certo que a decadência do país na década passada desarticulou a infra-estrutura científica, abrindo espaço para a venda de segredos. Mas, para entidades de defesa dos direitos humanos, Danilov é um bode expiatório. Ele sempre admitiu que vendeu a tecnologia, mas argumenta que não se tratava de segredo. Em 1992, sua pesquisa chegou a ser publicada em jornais científicos. Ele foi absolvido em primeira instância, mas promotores recorreram e, agora, ele foi condenado. (*Nature*, 2 de dezembro)

■ Veredas do sertão africano

Uma parceria entre a Agência Espacial Européia (ESA) e a organização não-governamental Médicos sem Fronteiras produz mapas talhados para orientar voluntários de entidades humanitárias que atuam em regiões paupérrimas ou conflagradas. Trata-se do projeto Human (Medical Humanitarian Disaster Mapping Service), que desde 2003 fornece sob encomenda mapas construídos com base em imagens de satélite. A novidade é que as próprias organizações não-governamentais agora podem produzir seus mapas, utilizando um banco de dados *on-line* da ESA. A princípio, a experiência se limita ao território africano, mas a idéia é estender a cobertura para a Ásia e as Américas Central e do Sul. Além das funções convencionais de navegação, como ampliação em detalhes, o usuário pode fazer buscas e identificar es-



tradas, rios, cidades e aeroportos. Também pode personalizar o mapa, incluindo logotipos, anotações e pontos de interesse. Por um período de teste, o banco de dados oferece gratuitamente as informações para entidades humanitárias. No futuro, os custos deverão ser divididos entre todos os clientes do serviço. (*ESA News*, 30 de novembro)

■ Encontro nas águas

Vem aí a Escola de Oceanografia da Europa e da América Latina, uma iniciativa de universidades dos dois continentes. A coordenação caberá à Universidade de Concepción, no Chile. “Vamos promover cooperação internacional tanto em educação como

em pesquisa”, diz Tarsicio Antezana, professor da universidade chilena. Fazem parte do projeto universidades da Costa Rica, Colômbia, Peru, Equador, Chile, Alemanha, Espanha, Suécia e Reino Unido. Enquanto os sócios europeus concentrarão suas investigações na Antártida e nas mudanças climáticas, os latino-americanos investirão em temas como a pesca sustentável, a poluição marinha e a corrente de Humboldt, que traz nutrientes de águas profundas. O esforço internacional também é impulsionado por razões econômicas. “Iremos nos beneficiar da estrutura dos europeus, que têm dezenas de navios oceanográficos, enquanto nós, aqui no Chile, só dispomos de dois”, afirma Antezana. (*SciDev.Net*, 22 de novembro)

Banco de dados ajuda a levantar a topografia

Um pioneiro se aposenta

Aos 74 anos de idade e 42 de carreira, o astronauta norte-americano John Young anunciou sua aposentadoria, encerrando uma trajetória que se confunde com a aventura da conquista espacial. Membro da segunda turma de astronautas formados pela Nasa, o ex-piloto e engenheiro aeronáutico encontrou sua vocação ao ouvir o discurso do então presidente John Kennedy, propondo a ida à Lua e o retorno em segurança para a Terra. “Achei uma ótima idéia aquela parte de voltar em segurança para a Terra”, disse Young. Tripulou as missões Gemini 3 e 10, participou de duas missões Apollo – numa delas, em



Young nos anos 1960 e hoje: 835 horas no espaço

1972, passou três noites na Lua. Em 1981 comandou o voo inaugural dos ônibus espaciais, a bordo do *Columbia*, que voltaria a pilotar em 1983. Ao todo, foram 835 horas no espaço. Depois seguiu carreira executiva na Nasa. Sua apo-

sentadoria ganhou um ar nostálgico num momento em que o programa espacial está suspenso, em virtude da explosão do *Columbia* em 2003, e centenas de astronautas treinados pacientemente aguardam a vez de ir ao espaço.

ESTRATÉGIAS MUNDO

Operação resgate



Laurabeatriz

A Índia vai ressuscitar uma antiga estratégia para conter a fuga de cérebros e fortalecer a pesquisa nas universidades. Trata-se da reedição de um programa, criado em 1984 pela então primeira-ministra Indira Gandhi e desativado em 1992, cujo objetivo é atrair para o país jovens pós-doutores indianos em atividade no exterior. Eles terão a chance de escolher as universidades e laboratórios em que desejam trabalhar. E receberão salários equivalentes aos de docentes veteranos. Perto de cem cientistas de diversas disciplinas foram repatriados na experiência dos anos 1980, interrompida quando o partido de Indira perdeu a maioria no Parlamento. A iniciativa foi boicotada pelo governo seguinte. Com o fim do programa, boa parte dos cientistas recrutados perdeu regalias e vários acabaram demitidos. Processos por indenizações e recondução arrastam-se na Justiça. Daksh Lohiya, um dos repatriados demitidos, faz um alerta: “Será difícil convencer pesquisadores

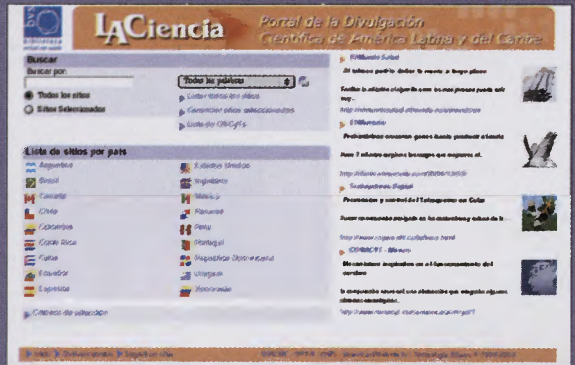
a voltar sem que antes se faça justiça aos cientistas que ficaram à míngua”. (*SciDev.Net*, 29 de novembro)

■ Impulso para a agricultura no golfo

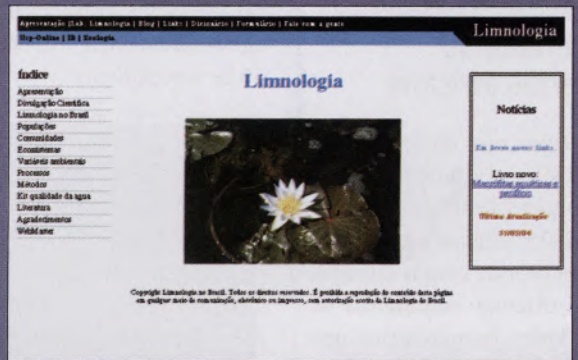
O Catar lançou duas iniciativas para aumentar a cooperação com pesquisadores de outras cinco nações do golfo Pérsico: Bahrain, Kuwait, Oman, Arábia Saudita, Emirados Árabes. Um dos projetos é a Rede de Pesquisa Agrícola do Golfo, um centro de informações *on-line* que vai divulgar dados sobre pesquisas e estratégias levadas a cabo nos países. Os pesquisadores poderão disponibilizar a íntegra de seus trabalhos no *site* e consultar a produção dos colegas. O segundo projeto é o Centro Agro-Biotecnológico do Catar, que vai criar um banco de variedades genéticas de plantas da região e promover pesquisas sobre resistência de cultivares à terra seca, alta salinidade e temperaturas elevadas. (*SciDev.Net*, 24 de novembro)

Ciência na web

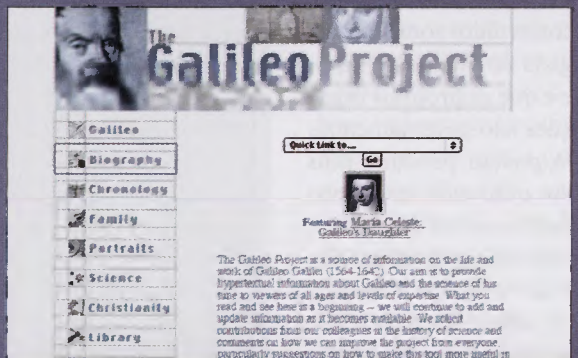
Envie sua sugestão de *site* científico para cienweb@trieste.fapesp.br



<http://www.laciencia.org>
O portal de informação ao Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências de Saúde (Bireme) reúne notícias de *sites* científicos selecionados.



<http://www.ib.usp.br/limnologia/index/>
Página sobre limnologia, o estudo científico das extensões de água doce, coordenado por um grupo de pesquisa do Instituto de Biociências da USP.



<http://galileo.rice.edu/>
O *site* reúne dados sobre a vida e as descobertas do matemático, astrônomo e físico italiano Galileo Galilei (1564-1642), silenciado pela Inquisição.